

A BATALHA

Redação, Administração Tipografia
CALÇADA DO COMBRO, 38-A, 2º andar
LISBOA - PORTUGAL
TELEFONE 539 TRINDADE
Ófícios de Imprensa e Esteriotipia
RUA DA ATALAIA, 114 e 116
Este jornal não se publica às segundas-feiras...
...Não se devolvem os originais... Dos artigos
publicados são responsáveis os seus autores.

Director: JOSE S. SANTOS ARRANHA
Editor: CARLOS MARI COELHO
Propriedade da CONFEDERAÇÃO GERAL
DO TRABALHO
Aderente à Associação Internacional
dos Trabalhadores
Inscrição: Incluído o suplemento semanal,
Lisboa, mês 930; Província, 3 meses 33,50;
África Portuguesa, 6 meses 70,00; Estrangeiro,
3 meses 110,00.

Domingo, 11 de OUTUBRO DE 1925

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTE-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

PREÇO 30 CENTAVOS — ANO VII — N.º 2105

O governo não pode por mais tempo hesitar em cometer um acto de elementar justiça: mandar regressar imediatamente à metrópole os indivíduos iniquamente deportados!

São já quatro os deportados que morrem vitimados pelo mortífero clima. Outros estão às portas da morte. Cada dia de hesitação representa anos de vida roubados ao punhalado de homens que sofrem uma pena a que foram condenados pelo simples arbitrio da polícia. Um governo que sanciona a violência de que estão sendo vítimas êsses homens que nenhum tribunal julgou, que nenhuma sentença condenou—dá foros de legalidade a tódas as ilegalidades, coloca acima das leis que lhe compete respeitar e fazer respeitar, a vontade de qualquer criatura que se sobreponha às instituições vigentes.

Acabemos com isto, sr. Domingos Pereira!

Para quê mais comédias de relatórios? Para quê essas perguntas à polícia que os deportou, se êsses homens foram injustamente deportados? Para quê mais comédias que visam a ganhar tempo, enquanto em África criaturas, que não se sabe se estão inocentes ou culpadas, perdem a vida, deixando os seus na miséria!

Pela morte dêsses homens é o governo o maior responsável. Lembre-se o sr. Domingos Pereira que tem de responder perante a sua consciência—se a possui—pela morte dêsses homens, pelas lágrimas das mães e pela fome dos filhos inocentes!

Basta de cantigas de trágicos resultados! Basta de frócas à democracia! Basta de infâncias!

UMA SITUAÇÃO INSUSTENTAVEL

Notas & Comentários

As funestas consequências

O nosso estimado correspondente de Faro, em carta que nos enviou plena de indignação e de protestos, refere-se ao desenvolvimento que o jôgo de azar vai tomando naquela cidade, levado ao ponto de arrastar na sua voragem gente simples do povo que ingenuamente julga encontrar nas casas de tavolagem a sua felicidade.

Confirmar a sua informação, aquele nosso amigo conta-nos que, há dias, um pobre rapaz empregado no cartório do dr. Cândido Guerreiro, por ter perdido uma avultada quantia que não lhe pertencia tentou suicídio com um tiro num ouvidor.

As consequências desastrosas a que arrasta a prática do jôgo já mais dum vez têm sido reveladas. Simplesmente os nossos protestos não foram ouvidos, porque, tanto em Lisboa como em Faro, a batota tem altas personalidades envolvidas nas suas malhas.

Crítico original

O ministro da Guerra manda chamar ao seu gabinete os srs. Sá Cardoso, Tavares de Carvalho e Cortez dos Santos. Para quê? Para responsabilizá-los pela manifestação de desagrado de que foi alvo essa odiosa figura da política portuguesa que se chama António Maria da Silva. É um critério curioso e original este. Já sabíamos que aquele ministro era criatura de inteligência clara e subtil, mas ignorávamos que que a sua clarividência e subtileza lhe davam para descobrir que dos actos colectivos dum multíplice exaltada eram responsáveis três pessoas apenas.

Vamos demonstrá-lo.

A GUERRA DE MARROCOS

Quanto tempo durará a campanha do Riff?

O que diz um senador americano — O que os militares franceses confessam — As conclusões a que se chega

Se uma parte da opinião pública francesa ainda se conserva indiferente perante a desastrosa guerra do Riff, isso é devido a dois erros em que ela labora:

1.º O povo francês diz que os rifenos são indivíduos de "raça inferior", intermedianos entre o animal e o homem e que nela se perde em exterminá-los.

2.º Os cidadãos franceses pensam que a luta contra os rifenos é uma brincadeira de crianças e que um povo "tão inferior" será facilmente vencido.

E' fácil, no entanto demonstrar que essas apreciações são falsas: os rifenos não são seres inferiores e a guerra em que os franceses estão emprenhados será longa, difícil, perigosa e além de muito dispendiosa reduzir-lhes-há bastante os seus efectivos militares.

Vamos demonstrá-lo.

Os predecessores de Abd-el-Krim

Não sabemos se os leitores estarão lembrados que, há algum tempo, os estudantes da América do Sul se festejaram o aniversário da libertação do seu país do jugo espanhol, enviaram um telegrama a Abd-el-Krim testemunhando-lhe a sua simpatia.

Este respondeu-lhes num tom que tinha algo de sublime e dando a entender que ele procurava justamente fazer pelo Riff, o que em tempo os espanhóis da América fiziam contra o governo de Madrid.

Julgamos inútil ter dito isto, pois os homens condenam hoje, por sua livre vontade, um caso histórico que teria sido considerado admirável se se tivesse produzido 50 anos atrás e se tivessem lido a descrição em qualquer manual escolar. A verdade é que o combate dos rifenos é o mesmo que o dos turcos em Angora, o dos boers, como já em tempos foi o dos espanhóis na América e até o dos americanos do norte...

O que disse um senador americano

Oijamos agora o que um dos homens políticos mais importantes dos Estados Unidos declarou:

"É um caso verdadeiramente trágico, diz o senador Borah, que as nações neutras estejam impedidas de erguer a sua voz a favor dos rifenos. Este povo nunca foi conquistado. Ele luta pela sua vida e pela sua liberdade. O apelo de Abd-el-Krim impressionou-me vivamente, porque éste homem parece-me sincero e não pede mais do que a justiça e o direito de o seu povo poder gozar as suas liberdades tradicionais."

A minha opinião é que o governo dos Estados Unidos devia oferecer os seus serviços. Se a França os recusasse, pelo menos teríamos feito o que podíamos para pôr fim a este desperdício e seria só a França que arcaria com a responsabilidade da continuação das hostilidades.

Quem é este senador Borah que trata os rifenos como sendo um povo, que julga que os Estados Unidos deviam oferecer a sua mediação e que deixa entender que se a França a recetisse seria ela que, conforme dizia Jaurès, "seria o governo do crime".

Trata-se de alguma fantasia delirante, ou de algum idealismo desabrido? Nada disso! Borah é o presidente da comissão dos negócios estrangeiros do Senado americano. Ele exprime certamente o ponto de vista da maioria do povo dos Estados Unidos.

Além disso o senador Borah confiou a um jornalista as seguintes afirmações, que não deixam de ser interessantes:

"A maior parte das lutas da próxima década consistirão em revoltas dos povos nominalmente sujeitos que procurarão libertar-se do jugo estrangeiro. Quanto às potências imperialistas, elas afirmam inviolavelmente, sempre que as nações neutras se oferecem como intermediárias, que estas guerras são guerras domésticas. Desta maneira, os países neutros ficam impotentes até ao dia em que os seus próprios direitos serão violados."

Eis desmascarada (por um imperialista que sabe o que diz) a hipocrisia dos grandes estados que agitam o "direito internacional", cada vez que isso lhe é vantajoso e que recusam submeter-se a él desde que este se opõe à suas maquinções.

Quanto tempo durará a guerra?

Demonstrado o nosso primeiro ponto de vista, isto é que os rifenos não são "se-

A Liga dos Direitos do Homem dirige-se à presidência do Ministério reclamando o imediato regresso dos deportados de Cabo Verde e Guiné

Conforme o resolvido na última reunião do Directório da Liga dos Direitos do Homem, foi ontem entregue na presidência do Ministério o seguinte requerimento pro-

"O Directório da Liga Portuguesa dos Direitos do Homem—colectividade que defende princípios sociais e humanitários e sequentemente as vítimas da injustiça dos homens sem inquerir os credos políticos, partidários e religiosos dessas vítimas—vem perante v. ex.º como chefe do poder executivo reclamar contra novos atentados que demonstram viver a sociedade portuguesa sob um regime de arbitrio e abuso constantes das autoridades; porque, ex.º sr., os componentes deste Directório vêm em v. ex.º sr. dr. Domingos Leite Pereira, um republicano democrata que como tal se tem afirmado, e como um democrata é acima de tudo um respeitador da Constituição, não compreendemos como sendo assim v. ex.º sancione a deportação de indivíduos sem prévio julgamento, com a agravante dos deportados estarem morrendo vítimas da região inóspita onde os colocaram. Afirma-se que tais deportações efectuaram-se por determinação dum organismo o qual mudou a sua feição social e económica para secretamente policial, ao serviço da plutocracia e "fórcas vivas". Não queremos acreditar, mas seja como for o facto real são de deportações sem prévio julgamento, isto é, desrespeito da Constituição da República.

Mantém-se prisões sem culpa formada durante meses, contra o preceituado na legislação vigente. Isto é desrespeitar a Constituição da República.

"Após a primeira fase das nossas operações, que são as actuais, haverá não uma campanha de inverno, impossível no Marrocos Riffeno, mas um período de estabilização que será aproveitado em intensos preparativos do lado francês (sic) em vista de uma campanha de primavera, que será decisiva (resic), que será o último acto e o desfecho de esta guerra tão violenta."

"A necessidade" — diz a França Militar — "de soar pela certa, num país excessivamente acidulado, combatendo um inimigo hábil em defender-se, e que não aceita facilmente combate, entrincheirando-se em sólidas posições que exigem a utilização intensa da nossa artilharia, obriga-nos a uma progressão muito lenta."

A ofensiva da primavera...

Esta progressão será tanto mais "lenta" que tem que ser necessário "assegurar a rectaguarda" contra as tribus dissidentes, que por sua vez serão "tentas a submeter-se".

Ora isto, julgam, é de meia dúzia de dias!

Continuemos a ouvir os militares da simpatia França:

"Após a primeira fase das nossas operações, que são as actuais, haverá não uma campanha de inverno, impossível no Marrocos Riffeno, mas um período de estabilização que será aproveitado em intensos preparativos do lado francês (sic) em vista de uma campanha de primavera, que será decisiva (resic), que será o último acto e o desfecho de esta guerra tão violenta."

E se o leitor julga que efectivamente esta guerra seja violenta, note ainda este detalhe: a primeira fase das operações englobará certamente ainda um prazo dum mês com o emprégo de todos os nossos meios."

Se o leitor julga que efectivamente esta guerra seja violenta, note ainda este detalhe: a primeira fase das operações englobará certamente ainda um prazo dum mês com o emprégo de todos os nossos meios."

Continuemos a ouvir os militares da simpatia França:

"Após a primeira fase das nossas operações, que são as actuais, haverá não uma campanha de inverno, impossível no Marrocos Riffeno, mas um período de estabilização que será aproveitado em intensos preparativos do lado francês (sic) em vista de uma campanha de primavera, que será decisiva (resic), que será o último acto e o desfecho de esta guerra tão violenta."

E se o leitor julga que efectivamente esta guerra seja violenta, note ainda este detalhe: a primeira fase das operações englobará certamente ainda um prazo dum mês com o emprégo de todos os nossos meios."

Continuemos a ouvir os militares da simpatia França:

"Após a primeira fase das nossas operações, que são as actuais, haverá não uma campanha de inverno, impossível no Marrocos Riffeno, mas um período de estabilização que será aproveitado em intensos preparativos do lado francês (sic) em vista de uma campanha de primavera, que será decisiva (resic), que será o último acto e o desfecho de esta guerra tão violenta."

E se o leitor julga que efectivamente esta guerra seja violenta, note ainda este detalhe: a primeira fase das operações englobará certamente ainda um prazo dum mês com o emprégo de todos os nossos meios."

Continuemos a ouvir os militares da simpatia França:

"Após a primeira fase das nossas operações, que são as actuais, haverá não uma campanha de inverno, impossível no Marrocos Riffeno, mas um período de estabilização que será aproveitado em intensos preparativos do lado francês (sic) em vista de uma campanha de primavera, que será decisiva (resic), que será o último acto e o desfecho de esta guerra tão violenta."

E se o leitor julga que efectivamente esta guerra seja violenta, note ainda este detalhe: a primeira fase das operações englobará certamente ainda um prazo dum mês com o emprégo de todos os nossos meios."

Continuemos a ouvir os militares da simpatia França:

"Após a primeira fase das nossas operações, que são as actuais, haverá não uma campanha de inverno, impossível no Marrocos Riffeno, mas um período de estabilização que será aproveitado em intensos preparativos do lado francês (sic) em vista de uma campanha de primavera, que será decisiva (resic), que será o último acto e o desfecho de esta guerra tão violenta."

E se o leitor julga que efectivamente esta guerra seja violenta, note ainda este detalhe: a primeira fase das operações englobará certamente ainda um prazo dum mês com o emprégo de todos os nossos meios."

Continuemos a ouvir os militares da simpatia França:

"Após a primeira fase das nossas operações, que são as actuais, haverá não uma campanha de inverno, impossível no Marrocos Riffeno, mas um período de estabilização que será aproveitado em intensos preparativos do lado francês (sic) em vista de uma campanha de primavera, que será decisiva (resic), que será o último acto e o desfecho de esta guerra tão violenta."

E se o leitor julga que efectivamente esta guerra seja violenta, note ainda este detalhe: a primeira fase das operações englobará certamente ainda um prazo dum mês com o emprégo de todos os nossos meios."

Continuemos a ouvir os militares da simpatia França:

"Após a primeira fase das nossas operações, que são as actuais, haverá não uma campanha de inverno, impossível no Marrocos Riffeno, mas um período de estabilização que será aproveitado em intensos preparativos do lado francês (sic) em vista de uma campanha de primavera, que será decisiva (resic), que será o último acto e o desfecho de esta guerra tão violenta."

E se o leitor julga que efectivamente esta guerra seja violenta, note ainda este detalhe: a primeira fase das operações englobará certamente ainda um prazo dum mês com o emprégo de todos os nossos meios."

Continuemos a ouvir os militares da simpatia França:

"Após a primeira fase das nossas operações, que são as actuais, haverá não uma campanha de inverno, impossível no Marrocos Riffeno, mas um período de estabilização que será aproveitado em intensos preparativos do lado francês (sic) em vista de uma campanha de primavera, que será decisiva (resic), que será o último acto e o desfecho de esta guerra tão violenta."

E se o leitor julga que efectivamente esta guerra seja violenta, note ainda este detalhe: a primeira fase das operações englobará certamente ainda um prazo dum mês com o emprégo de todos os nossos meios."

Continuemos a ouvir os militares da simpatia França:

"Após a primeira fase das nossas operações, que são as actuais, haverá não uma campanha de inverno, impossível no Marrocos Riffeno, mas um período de estabilização que será aproveitado em intensos preparativos do lado francês (sic) em vista de uma campanha de primavera, que será decisiva (resic), que será o último acto e o desfecho de esta guerra tão violenta."

E se o leitor julga que efectivamente esta guerra seja violenta, note ainda este detalhe: a primeira fase das operações englobará certamente ainda um prazo dum mês com o emprégo de todos os nossos meios."

Continuemos a ouvir os militares da simpatia França:

"Após a primeira fase das nossas operações, que são as actuais, haverá não uma campanha de inverno, impossível no Marrocos Riffeno, mas um período de estabilização que será aproveitado em intensos preparativos do lado francês (sic) em vista de uma campanha de primavera, que será decisiva (resic), que será o último acto e o desfecho de esta guerra tão violenta."

E se o leitor julga que efectivamente esta guerra seja violenta, note ainda este detalhe: a primeira fase das operações englobará certamente ainda um prazo dum mês com o emprégo de todos os nossos meios."

Continuemos a ouvir os militares da simpatia França:

"Após a primeira fase das nossas operações, que são as actuais, haverá não uma campanha de inverno, impossível no Marrocos Riffeno, mas um período de estabilização que será aproveitado em intensos preparativos do lado francês (sic) em vista de uma campanha de primavera, que será decisiva (resic), que será o último acto e o desfecho de esta guerra tão violenta."

O último decreto dos duodécimos e as interpretações a que deu motivo entre os assalariados do Estado

O último decreto dos duodécimos provocou entre os assalariados do Estado uma sensação de surpresa. Segundo a interpretação dada ao referido decreto, a sua letra era extensiva ao pessoal jornaleiro ou assalariado admitido antes de 1 de Outubro do corrente ano. As comissões do pessoal em referência, representativas de todos os establecimentos do Estado, dirigiram-se imediatamente à publicação daquele diploma, ao ministério das finanças conferenciando com o titular daquela pasta. Pela boca do sr. Torres Garcia foi garantido aos comissionados que o decreto dos duodécimos apenas dizia respeito a todos aqueles que fossem admitidos ao serviço do Estado de 1 de Outubro em diante. Com esta declaração, que foi transmitida a todos os assalariados do Estado, o perigo da redução de 10% ficou assim afastado. A tranquilidade regressou e durante alguns dias já não se falou na redução de 10% que, tanto sobre-salto causou. Mas eis que nos jornais da tarde de anteontem e da manhã de ontem, apareceu uma nota fazendo eco da redução de 10% nos ordenados dos empregados jornaleiros ou assalariados. Em virtude desta informação caíram imediatamente sobre a nossa mesa de trabalho bastantes cartas e protestos, das quais salientamos a seguinte missiva:

Camara redactor:—Após a publicação do decreto dos duodécimos, no qual, pelo artigo 4º, seriam descontados 10% aos funcionários assalariados do Estado, uma comissão composta pelos mesmos, como o camarada deve estar recordado, procurou o sr. ministro das finanças o qual lhe fez saber que tinha havido uma má interpretação sobre o mesmo artigo, e que esse desconto só seria aplicado a todos aqueles que fôssem admitidos ao serviço do Estado de 1 de Outubro em diante.

Pois na Provedoria Central da Assistência de Lisboa está já elaborada uma nota para a contabilidade, a fim de ser feito o respectivo desconto referente ao correto mês.

Isto é um dos maiores absurdos!

O signatário desta carta, criatura de nossa inteira confiança, ocupa um lugar no funcionalismo que lhe dá autoridade para produzir a afirmação que o leitor acabou de ler. Ficou assim confirmada a nota publicada na imprensa.

A *Batalha* que não verificou ainda que o custo da vida tivesse tido uma decrença sensível a justificar a baixa que o decreto dos duodécimos estabelece, dispunha-se a tratar devidamente, utilizando-se para o efeito dos elementos que possui, do assunto, quando à nossa redacção chegaram alguns membros da comissão do pessoal assalariado do Estado que nos garantiram que o sr. Torres Garcia afirmara ontem novamente que o decreto era apenas aplicado aos empregados admitidos depois de 1 de Outubro, corrente. Ficámos atónitos. Se nos merecia consideração os preciosos elementos destes últimos informadores ficávamo-nos, todavia, sem conhecer o que de verdade havia acerca da já célebre lista elaborada pela Provedoria Central da Assistência de Lisboa que imperativamente estabelece os descontos referentes ao corrente mês! Quem fala, afinal, verdade? A lista da Provedoria, ou o sr. Torres Garcia à comissão que ontem o procurou?

Ficamos sem o saber e comosco ficam os assalariados do Estado que desejam que a sua situação, quanto antes, seja aclarada sem sofismas nem ambiguidades. E essa aclarção ao decreto dos duodécimos só deve ser feita publicamente pelo ministério onde corre o assunto para que todos conheçam em que lei vivemos.

O Saltimbanco

Este drama, curiosíssimo, quer sob o ponto de vista literário, quer pela forma porque está posto em cena no Apolo, tem dado consecutivas encherias. O desempenho de Alves da Cunha é formidável demonstrando mais uma vez as suas altas faculdades histrionicas.

FUSILAMENTO DE FERRER

Promovida pelo Núcleo da Juventude Sindicalista de Lisboa, realiza-se na próxima terça-feira, 13, pelas 21 horas, uma sessão comemorativa do assassinato de Francisco Ferrer, pela reacção que ainda hoje impera na Espanha de Torquemada, de Martinez Andio e Primo de Rivera. O local será anunciado no próprio dia.

Novidades literárias

CAVALGADA DO SONHO

— DE —

Juliano Quintinha

2.ª Edição — Escudos 8\$00
A venda em todas as livrarias. — Pedidos à secção de Livraria da *A Batalha*

Sociedades de recreio

Grupo Dramático «Luz e Progresso».

Realiza-se hoje neste grupo, ruas Campo de Ourique, 153, pelas 21 horas, uma récita em benefício de Eugénia Augusta do Carmo, irmã de Augusto do Carmo (pedreiro), subindo à cena o drama em 3 actos, «O João Corta-Mar». A's 15 horas, canção nacional por distintos cultores, acompanhados pelo exímio guitarrista Raúl, e seu viola João e outros.

não uma atitude democrática. Valerá a pena discutir tal infinilidade? Decerto que não.

E aqui termina a resposta aos reparos do *Mundo*. O *Comunista* faz córo com o *Mundo* e insulta-nos por nós não termos sóbrias eleições as opiniões democráticas que ele transcreve largamente dum artigo do sr. Mayer Garção. A reparos ainda respondemos, a insultos não.

O *Comunista* insulta a *Batalha* e a C. G. T., insultando, portanto, o operário organizado com o desamor próprio dum ex-operário que se fez burocrata. Não damos quartel—ao sr. Quartel, principalmente desde que ele se atreveu a fingir que era uma conferência rural. Aos insultos do *Comunista* só temos para responder, só tem o operariado para responder uma única atitude: o desprezo. Não é com insultos que se consegue afastar o operariado da luta em que se laçou para a sua integral emancipa-

CARTA DO PORTO

Os socialistas da «Casa do Povo» solidarizam-se com a polícia de Lisboa torpedeando um comício contra o assalto à sede da C. G. T.

PORTO, 10.—O comício que ontem se devia efectuar contra o assalto brusco feito à C. G. T. pela polícia de Lisboa, não se realizou... por determinação expressa do «directório» da Casa do Povo Portuense...

O comício vinha antecipadamente sendo anunculado, para que a sua concorrência fôsca a mais avultada possível. No manifesto que a União dos Sindicatos Operários profusamente fez distribuir, indicava-se o salão da Casa do Povo, em vez do Sindicato Único Metalúrgico, por ser mais conhecido, mais popular, aquele nome.

O «directório» da Casa do Povo, porém, embicou com o caso. E como não leva a bem estas reuniões de protestos revolucionários, que devem ser substituídas por palestras eleitorais social-democráticas, vê de publicar nos jornais de ontem a seguinte missiva:

Prevenção da Casa do Povo

A direcção da Casa do Povo Portuense, para evitar equívocos, faz saber que hoje, 9 de Outubro, não se realiza comício algum no seu salão.

Esta prevenção assim redigida tão sencera, causou surpresa no público operário. Não julgou que ela visava a diminuir tanto quanto possível, a afluência de povo ao comício, mas «supõe» que a direcção da Casa do Povo, visto que se tratava de um protesto contra um inópinado assalto à C. G. T. e a *Batalha*, se propôs tomar todas as provisões necessárias para proteger o edifício e os manifestantes nela reunidos, de qualquer traço ignobil por parte da polícia desta cidade...

Afinal, tudo meras hipóteses.

A noite, à aproximação da hora do comício, é que se matou verdadeiramente a charada: os socialistas da Casa do Povo tinham resolvido impedir, a todo o transe, a efectuação do citado comício...

O portal fôr fechado muito cedo, restringindo para entrar um membro do Sindicato Único Metalúrgico que nervosamente bateu, para seguir, se fechar de novo.

Conhecida a operação do «directório» da Casa do Povo, o mesmo membro do Sindicato Metalúrgico que entrou, viu tornar franca a entrada: abriu, de par em par, a porta chique da referida colectividade... entrando os primeiros assistentes.

Havia ordens terminantes: o contínuo comunicar, um pouco nervoso e um tanto comprometido, que no salão do primeiro andar estava «proibido», pelo «directório» da Casa, efectuar-se o comício, ou qualquer coisa parecida com isso.

Ouvimos então falar numa certa razão plausível: a comissão promotora do comício «esquecera-se» de pedir à direcção a respectiva licença.

E verdade que igualmente ouvimos logo a seguir:

«Sim, sim. Mas se a U. S. O., em vez do protesto contra a polícia de Lisboa, tivesse resolvido realizar um comício de propaganda a favor dos candidatos socialistas, havia a certeza absoluta de que a Casa do Povo, não só não se importava com a licença, como até aplaudia, com as mãos e com os pés, tão genial lembrança...»

Como, porém, o Sindicato Único Metalúrgico também anuncia no mesmo dia uma reunião pública para o mesmo fim, a questão podia resumir-se assim: não deixavam o povo reunir no «salão elegante», não abrindo, como não abriram, as suas portas, mas não impediam também que o mesmo povo se fôsse aglomerar na ampla sala do Sindicato Metalúrgico.

E que o continuo, ou o quer que é, disser-nos, atrapalhado, que as ordens tinham caráter genérico, isto é: que o povo não podia reunir em qualquer dos canfos da Casa do Povo. E de facto assim estava determinado, porque até as próprias *retretes* estavam fechadas: o continuo, entre outras desculpas extravagantes, atirou-nos com esta: «a direcção mandou fechar-las, por causa de terem escrito nas paredes certos ditos...». Ai está um bom alvitre para Cámaras Municipais: como, infelizmente, ainda há muita gente sem educação que rica nas paredes ditches feios, ela deve encerrar os ditos, para sempre, e que recordámos daquele jornal, o assalto de que foram vítimas alguns organismos operários:

«É doloroso constatar que a República não tenta enveredado por esse caminho espalhando a instrução, espalhando o exemplo do amor pelo nosso semelhante, espalhando, enfim, o verdadeiro sentimento republicano. Se ela tivesse feito isto, não se teria possível virmos, com uma mágoa dilacerante, tripudiarem, no nosso campo, tantos milhares mascarados de republicanos, para enxovalhar a nossa ideia. Repare, sr. director, no acto de vandalismo praticado pela polícia na Casa dos Operários, na Calçada do Combro, onde ontem fomos vós, por indicação do seu jornal, os frutos espalhados por essas autoridades, que estão às ordens de inimigos confessos da República. Nós, que até aqui julgávamos esses operários exaltados demasiadamente, ficámos-lhos julgando, para sempre, merecedores da nossa solidariedade.

Basta de sofrimento e de tirania... Tanta miséria por ai fôr, tanta falta de ideal, tanto crime que se evitava se a República tivesse feito o que devia. Condenamos todos aqueles que a têm atraçado—porque da sua tração infame e desgraçada é que nascem os revoltados que por ai se batem e baterão heroica e eternamente contra todos os beleguins da *Pareirinha*. Nenhuma polícia, nenhuma fôrça poderá sufocar a revolta justa que brota do coração de todos quantos tenham visto o que ontem vimos na Casa dos Operários».

Ficou-se, portanto, na certeza de que o acordo pelo «directório» socialista da célebre Casa do Povo, era—torpedeado, feio e forte o comício contra o assalto efectuado pela polícia da capital às dependências da C. G. T. e de *A Batalha*...

Como, no entanto, a «falta» das chaves impediu que a sala do S. U. M. estivesse fechada, o elemento operário foi entrando. Enquanto não principiava o acto, encostámos-nos ao varandim que domina a escadaria. Reparámos, então, que uma criatura qualquer, com um petiz ao lado, abriu, precipitadamente, a porta do tal «salão elegante» do primeiro andar... Segundo alguém, tratava-se do socialista João Francisco de Oliveira...

Não desconfiando de qualquer partida, fomos até à sala do S. U. M., à esse tempo quase cheia.

De repente... ficamos todos entre trevas. Aqui e ali, riscaram-se fôsforos e, em todos os cérebros, perpassou, como uma corrente eléctrica, o mesmo pensamento: «os socialistas apagaram-nos a luz...». Uns correram às janelas, outros desceram à rua: em toda a parte havia a luz, menos na sala destinada à reunião.

De facto, a corrente iluminante fôr cortada no salão de baixo; e tão certo, como certo foi depois, por pressão de alguns operários indignados, deixarem ir ao salão ligar, novamente, no quadro, a luz cortada...

Epílogo de toda esta tramoia: o comício que se devia efectuar contra as prepotências da polícia de Lisboa, transformar-se numa manifestação de protesto contra os socialistas da Casa do Povo, pronunciando-se, quer na sala, quer na rua, vibrantes mordidas contra os políticos, os donos da Casa do Povo, os socialistas vendidos à polícia, barriguitas, etc., etc.

Em face disto, foi resolvido, em sinal de desprezo, não se efectuar ali o comício, para, na próxima semana, ele ser levado a efecto noutra parte—não só para se protestar contra os assaltos de Lisboa, mas também contra o procedimento revoltante do «directório» da Casa do Povo Portuense...

C. V. S.

Lede o Suplemento de *A Batalha*

Em Aldeagalega

Ainda as inconsequências dum sub-delegado de saúde

ALDEAGALEGA, 9.—Não sabemos se temos sido bem compreendidos quando iniciámos esta campanha contra o estado anti-higiênico em que Aldeagalega se encontra. O nosso intuito—e outro não poderia ser—visa apenas a chamar as atenções de quem de direito para uma série de anomalias atentadoras da saúde pública, anomalias cujos efeitos já se têm feito sentir pelos casos de doença a que já aludimos. Ninguém, com justiça, poderá chamar-nos exagerados, visto que os males por nós apontados estão patentes. A nossa aspiração é justa; e garantimos que só nos calaremos quando as causas desaparecerem, quando esta vila deixe de ser um foco de infecção, quando, a par do saneamento nas ruas, se faça o saneamento nos géneros que a população é obrigada a consumir. Nesta nossa campanha, simplesmente humana, contamos o aplauso do povo aldeagalese, visto que é o maior interessado.

POORTO, 10.—O comício que ontem se devia efectuar contra o assalto brusco feito à C. G. T. pela polícia de Lisboa, não se realizou... por determinação expressa do «directório» da Casa do Povo Portuense...

O comício vinha antecipadamente sendo anunculado, para que a sua concorrência fôsca a mais avultada possível. No manifesto que a União dos Sindicatos Operários profusamente fez distribuir, indicava-se o salão da Casa do Povo, em vez do Sindicato Único Metalúrgico, por ser mais conhecido, mais popular, aquele nome.

O «directório» da Casa do Povo, porém, embicou com o caso.

E como não leva a bem estas reuniões de protestos revolucionários, que devem ser substituídas por palestras eleitorais social-democráticas, vê de publicar nos jornais de ontem a seguinte missiva:

Prevenção da Casa do Povo

A direcção da Casa do Povo Portuense, para evitar equívocos, faz saber que hoje, 9 de Outubro, não se realiza comício algum no seu salão.

Esta prevenção assim redigida tão sencera,

causou surpresa no público operário. Não julgou que ela visava a diminuir tanto quanto possível, a afluência de povo ao comício, mas «supõe» que a direcção da Casa do Povo, visto que se tratava de um protesto contra um inópinado assalto à C. G. T. e a *Batalha*, se propôs tomar todas as provisões necessárias para proteger o edifício e os manifestantes nela reunidos, de qualquer traço ignobil por parte da polícia desta cidade...

Foi essa campanha orientada com intuições de justiça, pois não só se defendiam os interesses da indústria, como também os dos reclusos, que, por uma fatalidade da vida, para ali foram arremessados e sujeitos depois a um tipo curioso de exploração, feita por indivíduos que a conseguiram.

Foi essa campanha orientada com intuições de justiça, pois não só se defendiam os interesses da indústria, como também os dos reclusos, que, por uma fatalidade da vida, para ali foram arremessados e sujeitos depois a um tipo curioso de exploração, feita por indivíduos que a conseguiram.

Foi essa campanha orientada com intuições de justiça, pois não só se defendiam os interesses da indústria, como também os dos reclusos, que, por uma fatalidade da vida, para ali foram arremessados e sujeitos depois a um tipo curioso de exploração, feita por indivíduos que a conseguiram.

Foi essa campanha orientada com intuições de justiça, pois não só se defendiam os interesses da indústria, como também os dos reclusos, que, por uma fatalidade da vida, para ali foram arremessados e sujeitos depois a um tipo curioso de exploração, feita por indivíduos que a conseguiram.

Foi essa campanha orientada com intuições de justiça, pois não só se defendiam os interesses da indústria, como também os dos reclusos, que, por uma fatalidade da vida, para ali foram arremessados e sujeitos depois a um tipo curioso de exploração, feita por indivíduos que a conseguiram.

Foi essa campanha orientada com intuições de justiça, pois não só se defendiam os interesses da indústria, como também os dos reclusos, que, por uma fatalidade da vida, para ali foram arremessados e sujeitos depois a um tipo curioso de exploração, feita por indivíduos que a conseguiram.

Foi essa campanha orientada com intuições de justiça, pois não só se defendiam os interesses da indústria, como também os dos reclusos, que, por uma fatalidade da vida, para ali foram arremessados e sujeitos depois a um tipo curioso de exploração, feita por indivíduos que a conseguiram.

Foi essa campanha orientada com intuições de justiça, pois não só se defendiam os interesses da indústria, como também os dos reclusos, que, por uma fatalidade da vida, para ali foram arremessados e sujeitos depois a um tipo curioso de exploração, feita por indivíduos que a conseguiram.

Foi essa campanha orientada com intuições de justiça, pois não só se defendiam os interesses da indústria, como também os dos reclusos, que, por uma fatalidade da vida, para ali foram arremessados e sujeitos depois a um tipo curioso de exploração, feita por indivíduos que a conseguiram.

Agenda de A Batalha

CALENDARIO DE OUTUBRO

D.	4	11	18	25
S.	12	19	26	Aparece às 6,42
T.	13	20	27	Desaparece às 13,05
Q.	14	21	28	FASES DA LUA
Q.	1	8	15	L. C. dia 2 às 5,33
S.	2	9	16	L. C. dia 9 às 10,34
S.	3	10	17	L. N. dia 9 às 10,00
				Q. C. dia 24 às 18,38

MARES DE HOJE

Próximo às 10,01 e às 10,46
Baixam às 2,44 e às 3,31

ESPECTÁCULOS

TEATROS

Pólo — A's 21,30 — O Leão da Estrela.
Epolo — A's 21,55 — O Saltimbancos.

Maria Vitoria — A's 20,30 e 22,30 — «Rataplan».

A's 15,30 — Matinée com A Canção Nacional.

Coliseu — A's 21 — Companhia de circo.

A's 14,30 — Matinée.

Século XXI — Animatógrafos e Variedades.

Justino — A's 21,30 — «irmãs» e «A Gladiada».

U. Vicente (à Graca) — A's 20 — Animatógrafo.

Irenêa Parque — Teatro das noites — Concertos e divertimentos.

CINEMAS

Olimpia — Chico Terraço — Salão Central — Cinema Condé — Salão Ideal — Salão Lisboa — Sociedade Promotora de Educação Popular — Cine Paris — Cine Esplanada — Chantecor — Tivoli — Tortoise.

MALAS POSTAIS

Pelo paquete «Osana» são hoje expedidas malas postais para Las Palmas, Pernambuco, Baia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires, sendo da estação central do correio a última tiragem de correspondência às 9 horas.

PEDRAS PARA ISQUEIROS

Metálica, assim como rodas ócias e peças, lampões. Vendem-se de 2 a 5000. Dirigir-se a Francisco Pereira Lata. E' a casa que fornece em melhores condições.

«A BATALHA» No Funchal vende-se no Bureau de La Presse.

Suplemento semanal ilustrado de «A Batalha»

Encontra-se já à venda o primeiro ano desse interessante semanário, devidamente encadernado, numa óptima com percalina ilustrada a cores, por Alonso, contendo um indispensável índice dos variadíssimos assuntos de ordem doutrinária, literária e artística.

O seu preço é: 1 volume com 420 páginas, 45\$00.

Encadernação (por capas e índice), 20\$00.

Capas e índice em separado, 15\$00. Pedidos de coleções, ou envio destas para encadernação, à administração de A Batalha.

LIMAS NACIONAIS

Só grande falta de propaganda tem dado lugar a que ainda hoje se consumam em Portugal limas estrangeiras, mas que é uma marca.

MARCAS REGISTADAS presa de Limas Univas Peças Ltda. rivalizam em preço e qualidade com as melhores limas do mundo. Experimentem, pois, as nossas limas que se encontram à venda em todos os bons estabelecimentos de ferragens do país.

LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 17 desta revista intitulado Amor maldito, de Federico Urtaza. Preço, \$50. — Pedidos à administração de A Batalha.

Policlinica da Rua do Ouro Entrada: Rua do Carmo, 98 Telefone N. 5353

Medicina, corografia e pulmões — Dr. Armando Narciso. — A's 4 horas.

Cirurgia, operações — Dr. Bernardo Vilar.

Rins, vias urinárias — Dr. Miguel Magalhães.

Febre e sifilis — Dr. Correia Figueiredo. — I. 12, 20, 28 horas.

Doenças nervosas, electroterapia — Dr. R. Lobo. — 20, 24 horas.

Doenças dos olhos — Dr. Mário de Matos.

Garganta, nariz e ouvidos — Dr. Mário Oliveira. — 4 horas.

Estômago e intestinos — Dr. Míades Belo.

Doenças das senhoras — Dr. Emílio Paiva. — 2 horas.

Tratamento de diabetes — Dr. Ernesto Roma.

Efeitos e radio — Dr. Armando Lima. — 10, 12, 14 horas.

Riso X — Dr. José de Pádua. — 4 horas.

Análises — Dr. Gabriel Bento. — 4 horas.

11-10-1925

fesa das praças fortes. Joana, dotada de um espírito penetrante no que toca às coisas da guerra, tirou em pouco tempo grande partido do saber prático de mestre João.

A volta da sua excursão matinal, a donzela dirigiu-se à catedral de Santa Cruz, ouviu missa e comunhou no meio de um imenso concurso de povo, impressionado da sua modestia e da sua piedade. Ao chegar a casa de Tiago Boucher, apeteceu-lhe, durante a tarde ajudar, nos trabalhos de agulha, Margarida e sua mãe, que ficaram surpreendidas e encantadas de verem a guerreira de quem se esperava a salvação da cidade...

e do reino! mostrar-se tão ingénua, tão graciosa e tão habil nos trabalhos do seu sexo; a afetição que experimentavam pela guerra crescia de hora para hora; foi obrigada por mais de uma vez a interromper o trabalho de costura, a fim de aparecer a uma das janelas, chamada por grandes gritos da multidão idolatra, que se achava reunida nas proximidades da habitação do tesoureiro.

Por volta da noite, os capitães invejosos ou inimigos da donzela, reunidos em conselho, decidiram que o ataque projectado para a segunda-feira pela manhã, não teria lugar; era indispensável, segundo eles diziam esperar um reforço que devia chegar de Blois, comandado pelo marechal de Saint-Sever, e que devia tentar a sua entrada em Orleans durante a noite de terça-feira.

Esta nova demora, de que foi instruída por um dos chefes de guerra, affligiu profundamente Joana; guiada pelo seu bom senso, echava estas tardanças desastrosas; era, a seu ver, arriscar-se a ver resfriar o ardor das tropas, reanimadas com a sua presença, e dar tempo aos ingleses de voltarem a si de terror que os acometeu.

Caras vez mais consternados dos projéctos que se contavam da donzela, não se tinham atrevido desde a chegada dela a Orleans, a sair das suas bastiolas e tentar a mais leve escaramuça contra a cidade. Pôrem Joana, que era obrigada a submeter-se à vontade dos

chefes de guerra, e contra os quais não pensava ainda em lutar, teve de se resignar a este novo adiamento. Ela chorou muito, depois, à força de reflectir, começou a abrir os olhos aos obstáculos calculados que lhe suscitavam, e as suas vozes, éco da sua consciência e dos seus pensamentos, disseram-lhe:

«— Enganam-te...; esses capitães querem opôr-se traçoeiramente às vidas que Deus tem sobre ti para o livramento de Orleans e para salvação da Gália... Coragem, Deus protege-te; deves contar só contigo para a realização da missão que éte de teu!»

Dia de segunda-feira, 2 de Maio de 1429

Joana, apenas chegou o dia, confortada pelas suas vozes, mandou o seu escudeiro Daulon a casa dos chefes de guerra, convocando-os a reunião ao meio dia em casa do seu hospedeiro; a maior parte deles não faltaram ao convite. Apenas elas se acharam reunidos, a virgem guerreira, sem mostrar intimidade, lhes declara com brandura e firmeza que se no dia seguinte, terça-feira, elas não combinam definitivamente, de acordo com ela, o plano de ataque para quarta-feira pela manhã, nem nenhuma outra delonga, ela montaria a cavalo, pegaria no seu standarte, e, precedida pelo seu escudeiro tocando clarim, pelo seu pagem que levava o seu pendão, ela percorreria as ruas da cidade, chamando às armas a boa gente de Orleans, até mesmo os soldados das companhias; e que elas só, os conduziria ao combate, certa de vencer com a ajuda de Deus.

Esta linguagem resoluta, o receio de ver a donzela cumprir a sua ameaça, impressionaram vivamente os capitães; alguns sinais de descontentamento popular tinham-se já manifestado com respeito à demora inexplicável em usar do socorro inesperado que Joana trazia em nome do céo. Os vereadores lembrando com dignidade as suas numerosas provas de bravura, a sua dedicação à causa pública, queixavam-se amargamente

de serem apenas ouvidos nos conselhos em que se decidia da sorte da cidade; eles censuravam não menos altamente que Joana tivesse temporizações funestas, e talvez irreparáveis. Cedendo a seu pesar a esta pressão da opinião geral, os chefes de guerra prometeram à donzela de se reunirem no dia seguinte, a fim de combaterem com ela o plano de batalha.

Se não fosse a consciência do seu génio militar, que todos os dias se revelava a seus olhos, se não fosse o seu invencível patriotismo, e a profunda fé no apoio de Deus, Joana teria já renunciado a gloriosa missão que a si tinha imposto.

O indiferente e covarde egoísmo de Carlos VII, as suas injuriosas desconfianças, o infame exame a que ele tinha submetido Joana, a má vontade dos capitães a seu respeito desde a sua chegada a Orleans, tinham profundamente magoado a sua alma simples e leal; mas resolvida a livrar a Gália dos seus inimigos selvagens e a salvar o rei, a-pesar-dele, porque ela via a salvação do país na salvação do trono, a heroína esquecendo todos os seus sofrimentos, só pensava em prosseguir até ao fim a sua obra de libertadora!

Dia de terça-feira, 3 de Maio de 1429

Na terça-feira o conselho de guerra reuniu-se em casa de Tiago Boucher, em presença de Joana. Ela expôs claramente e sucintamente o seu plano de ataque, consolidado e modificado após numerosos reconhecimentos feitos por ela durante três dias nas suas visitas aos entrancheiros inimigos; em lugar de atacar primeiramente les Tournelles, ela propôz que se reunissem todas as forças disponíveis, e que se tomasse o formidável reduto de Saint-Loup, situado na margem esquerda do rio Loire, que era sem dúvida a obra mais importante dos sitiantes, porque, dominando a estrada de Berry e da Sologne, tornava muito difícil o abastecimento da cidade e a entrada de novos reforços.

Tomada esta bastilha, marchar-se-ia sucessiva-

mente contra as outras; Joana destacava tão sómente das tropas da expedição um corpo de reserva pronto a sair da cidade, a fim de poder proteger os assaltantes da bastilha de Saint-Loup contra as guarnições dos outros redutos, no caso que os ingleses, vindos em socorro dos seus, tentassem assim uma diversão.

Alguns homens de sentinela, postados antecipadamente na torre do sino da Casa da Câmara de Orleans, seriam encarregados de observar os movimentos dos ingleses, e se eles abandonassem os entrancheiros a fim de operar a junção prevista por Joana, os homens da sentinelas tocariam o sino com toda a força dando desse modo sinal ao corpo de reserva para marchar sobre o inimigo, a fim de lhe cortar a estrada de Saint-Loup, repeli-lo e impedir que ele cortasse a retaguarda aos franceses.

Este plano, desenvolvido com tanto conhecimento da guerra que os capitães invejovos e rivais da donzela ficaram confundidos, foi adoptado; foi conveniente que as tropas estariam prontas para marchar ao romper do dia.

Dia de quarta-feira, 4 de Maio de 1429

Joana, tendo adquirido a certeza de combater no dia seguinte, dormiu durante a noite de terça para quarta-feira com um sono tão sosegado como o de uma criança, ao passo que Madalena, que ficara quase tonta a noite acordada, era presa de uma dolorosa inquietação, pensando, não sem um certo terror, que a sua compaheira devia ao romper do dia entrar numa batalha sanguinolenta.

Apenas amanheceu, Joana levantou-se, fez a sua reza da manhã, invocou as suas boas santas, depois Madalena ajudou-a a armar-se. Quadro patético e fascinador! uma destas jovens donzelas, delicada e loira, levantava com dificuldade as diferentes peças da armadura de ferro com que ajudava a sua viril amiga a vestir-se, prestando este serviço com uma inexperiência de que a própria se sorria através das lágrimas.



ESTE SEGURO IMPÕE-SE A TODOS OS TRABALHADORES

Todo o operário ou trabalhador por 33 CENTAVOS POR DIA garante aos seus, em caso de morte, um capital de ESC. 5.000\$00 pago imediatamente. Se economizar 58 CENTAVOS POR DIA DURANTE 30 ANOS garante para a sua velhice uma pensão de reforma de ESC. 100\$00 MENSAIS pagos enquanto vivo.

Operários, trabalhadores, sede previdentes para com as vossas famílias e para com vós mesmos, seguirando-vos em

A MUNDIAL
Companhia de Seguros

Sede -- Rua Garrett, 95
LISBOA

IMPORTANTE:
Mediante um leve sobre-prémio, a MUNDIAL põe-vos-há ao abrigo da DOENÇA E INVALIDEZ

Milhares de curas



SE DEVEM AO HERPETOL

Unicorremédio eficaz para as doenças de PELE

Esta criança foi curada com uma fonte de HERPETOL. Depois de ter usado várias pomadas e outros imediatos que aos pais aconselhavam, resolveram consultar o médico, o qual recebeu um frasco de HERPETOL.

Ele, que tinha a aparência escamosa muito irritada, quando a criança começou a usar o HERPETOL sentiu-se sensivelmente aliviada, e antes de terminar um frasco todas as manifestações haviam desaparecido.

E' recomendado em todos os casos de ecema humido e seco, manchas, erupções, espinhos e mordeduras de insetos.

A venda em todas as farmácias, R. da Prata, 257, Lisboa e R. das Flores, 153, Pórt.

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

2.º Aditamento ao cartaz-horário D. 173

Serviço de tramways entre Lisboa Sacavém, Vila Franca, Carregado e Azambuja

A partir de 10 do corrente os comboios tramways n.º 1.413 e 1.420 que se efectuam entre Lisboa R. e Sacavém circularão até e desde Vila Franca sendo as suas marchas modificadas como segue:

Comboio n.º 1.413, tramway, 1.ª e 2.ª classes — Part: Lisboa-R., 15,10; Campolide, 15,18; Sete-Rios, ap., 15,21; Laranjeiras, ap., 15,23; Régua, 15,26; Entre-Campos, ap., 15,29; Areiro, ap., 15,31; Chelas, ap., 15,34; Marvila, ap., 15,56; Braço de Prata, 15,39; Cabo Ruivo, ap., 15,42; Olivais, 15,46; Sacavém, 15,54; Santa Iria, ap., 15,59; Póvoa, 16,40; Alverca, 16,44; Alhandra, 16,22; Vila Franca, 16,28, ch.

Comboio n.º 1.420 — tramway, 1.ª, 2.ª e 3.ª classes — Part: Vila Franca, P., 16,40; Alhandra, 16,53; Alverca, 17-01; Póvoa, 17-09; Santa Iria (ap.), 17-13; Sacavém, 17-22; Olivais, 1

A BATALHA

A vida e as obras de Pedro Kropotkin
descritas por Adrian del Valle

Aspecto moral

Na sua viagem de exploração científica à Suécia e à Finlândia, ao gosar os resultados dos seus estudos e investigações geológicas, que davam uma nova explicação da distribuição da flora e faunas daquelas regiões, pregunta-se de novo se tem direito a esses gosos de ordem elevada quando tudo o que o rodeia não é mais do que luta e miséria por um triste bocado de pão. E responde a si mesmo que as massas necessitam instrução, que têm vontade e capacidade para aprender, e que é de dever de trabalhar para a realização do ideal eminentemente humano, considerando-o como objectivo primário da sua existência, relegando para segundo plano seus estudos científicos. Firma em tal ideia, quando recebe pelo telegógrafo a notícia de que havia sido nomeado secretário da Sociedade de Geografia, cargo muito invejável e de grande prestígio, responde declinando essa honraria.

Com um sentido moral tão singular, com uma ideia tão firme do dever que voluntariamente se impunha de contribuir para a libertação das massas submetidas à ignorância e à exploração, era natural que abrangesse com abnegação a causa do nihilismo e se juntasse à juventude ilustrada que se movia num inquieto afan de renovação e de liberdade.

Foi na Suíça e em contacto com os elementos que compunham a Associação Internacional dos Trabalhadores, que Kropotkin, ao raiar dos seus 30 anos, se apercebeu da amplitude de aspirações do proletariado europeu e se converteu em adepto do socialismo anarquista para cujo estudo e difusão se propôs contribuir. Ali, como antes na Rússia e na Finlândia, se lhe apresenta pela terceira vez o imperativo de seu dever moral para com as massas exploradas. «Nesta abnegação do operário» — escreve — «encontrei a maior das exprobadoras: vivido de intruções e poucos são aqueles, infelizmente que se acham dispostos a dar-lha; compreendi a necessidade que têm as massas trabalhadoras de serem ajudadas por homens instruídos e que possam dispensar do tempo necessário os seus esforços para ampliar e desenvolver a organização. Porém, bem poucos eram os que acorriam a prestar seu concurso sem a intenção de tirar partido dessa mesma impotência do povo. Cada vez fui mais reconhecendo que devia fazer causa comum com os deserdados».

Quando volta à Rússia é um socialista anarquista convicto. Encontra o movimento nihilista em todo o seu apogeu. Caracteriza-se o referido movimento pelo deprezar os seus adherentes, na maioria pertencentes às classes aristocráticas e acomodadas, os antigos convencionistas e as instituições coercitivas, aspirando a um trato de igualdade e sem hipocrisias e ao melhoramento das condições do povo, tanto sob o aspecto material como sob o moral.

Pouco depois, esse movimento adquiriu uma característica acentuadamente socialista e revolucionária; quando Kropotkin ingressou ainda conservava o seu primitivo carácter, pelo que este, sem ocultar suas ideias, trabalhou de acordo com os outros. Foi além, tendo em conta as especiais con-

dições da Rússia: Discutindo-se a meudo no centro «Tchaykovsky» a questão de se seria conveniente agitar a opinião em favor de uma constituição, ofereceu-se Kropotkin, violentando suas naturais inclinações, para efectuar um trabalho de preparação e conspiração entre os elementos aristocráticos e palacianos; porém, o seu oferecimento não foi aceite por verem os seus camaradas que ele deixaria de estar de acordo consigo mesmo.

Decidido já a dedicar todas as suas energias ao ideal da emancipação popular, abandonou a sua carreira científica; porém, antes, considera-se obrigado a fazer a Memória da sua viagem à Finlândia e outro trabalho que tinha entre mãos, ambos para a Sociedade Geográfica, e labora neles com o maior empenho, sabendo que de um momento a outro pode ser preso pela sua actividade como propagandista e organizador dos operários. E assim esse homem excepcional executou em favor dos seus semelhantes desvalidos, como a coisa mais natural do mundo, os sacrifícios maiores que pode realizar um homem inteligente: o do gôsto intelectual e da própria liberdade.

Quando o prendem, sua única preocupação é proceder de modo que, nem directa nem indirectamente, possam ser prejudicadas outras pessoas.

Presupondo que por lhe ter a polícia interceptado uma carta dirigida a Polakoff, este ia ser perseguido, não obstante a referida carta nada conter de comprometedor, fala assim ao procurador:

— Dou-vos a minha palavra de honra que Kropotkin jamais tomou parte em nenhuma questão política. Amanhã tem que fazer um exame e terei para sempre utilizada a carreira científica dum jovem que tem sofrido grandes vicissitudes e lutado durante tantos anos contra toda a série de obstáculos para chegar à sua actual situação. Sei que isso vos interessará bem pouco; porém, tendo em conta que na Universidade é considerado como uma das glórias futuras da ciência russa.

Em seguida, como respondeu com um «não» a todas as perguntas, precisamente que se evitava complicar a alguém, o oficial de gendarmes que o conduzia à cela diz-lhe:

— Que estão fazendo principe? O negro vai responder a perguntas converte-se-há em armazém terrível contra vós.

Ao que Kropotkin responde:

— Estou no meu direito, não é verdade?

Importa-lhe pouco agravar a sua situação, contanto que os seus amigos não sejam perseguidos. Sempre o sacrifício a favor dos outros.

E ao lado do sacrifício, vontade de não se deixar abater. Não o atemoriza o terror da sua situação ao ser encerrado na temida Bastilha russa, a fortaleza de São Pedro e São Paulo. Recorda Bakunine, que depois de dois anos de encarceramento na Áustria, seguidos de seis anos de prisão na mesma fortaleza russa, saiu mais fresco e cheio de vida do que seus companheiros que tinham permanecido livres; e diria a si mesmo:

— Ele pôde suportar a prisão e eu também o farei; não sucumbirei aqui!

(Continua)

O DESCARRILAMENTO DA FIGUEIRINHA

PERSEGUÍÇÕES

Presos sem saber porquê

BEJA, 8.—O 5 de Outubro, que todos os anos tem diminuído no entusiasmo que lhe era dado por aqueles que ocupam um lugar à mesa da República, ésta ano quase nem se deu pela sua passagem. Se não fossem alguns foguetes que um ou outro, que ainda aspira a tomar parte no banquete, lançou, nem sequer se tinha dado pela passagem do 15.º aniversário da substituição dum regime reaccionário por um autocrático.

Já assim não aconteceu com a notícia que os jornais rocambolescos deram a propósito do descarrilamento do comboio do Algarve há anos sucedido.

Como quer que seja Beja a terra que ouviu bem de perto os gemidos das vítimas; como Beja viu braços e pernas fracturados, corpos completamente desconjuntados; como Beja foi que realizou a maior das manifestações de repulsa contra tão hediondo crime, a sua população, sempre que nela se fala, não tem boca suficiente para vibrar contra os canibais que o perpetraram.

Assim, desde que a imprensa mercenária se ocupou novamente da horrível tragédia, no intuito deapanhar os três tortos, não mais a população se quedou um momento, ansiosa por saber a que corpos pertenciam tais tão ensanguentadas mãos. Todos os dias se procuravam nomes, sem que tal se conseguisse.

Porém, A Batalha, que para aumentar o número dos seus leitores não precisa fantasiar «films» americanos, apresentou como capitães do bando que produziu o catástrofe os nomes de Silvério Almodôvar e dr. Palma Mira. A população, especialmente operária, ollas-com rancor, mas como não há más pormenores que lhe garantam a certeza, não se decide a lançar-lhes em rosto toda a sua indignação.

O sr. Silvério Almodôvar a quem os laços de amizade ao comissário da polícia ligam muito fraternalmente, retirou-se para Espanha, um dia após a notícia, a fim de internar seu filho num estabelecimento de ensino, que Primo de Rivera deixou intacto naquele país.

O dr. Palma Mira regressava de banhos no dia em que o seu nome era apontado como autor da catástrofe. Deu-se a coincidência de vir no mesmo comboio que traía o jornal.

Correu o boato de que tinha sido chamado pela polícia. Mas depois soube-se que viu tratar da sua candidatura a deputado.

Palando às «fórcas vivas» qual seria o seu papel no novo parlamento caso fosse eleito, diz não lhe pesar nada na sua consciência sobre o descarrilamento de Aljustrel. Vai para Lisboa e lá porá tudo em pratos limpos.

Os números de A Batalha que se referem ao monstruoso crime não têm um momento de paragem e a polícia, talvez por-

A atitude da Federação Marítima

Apresentem-se como são e digam o que pretendem

A saída do último número do jornal O Marítimo foi para nós uma surpresa. Não porque esperássemos ver nele uma atitude de reconciliação, porque sabemos quem o escreve e conhecemos o suficiente para sabermos o que pretendem.

O que nós esperávamos era que as mesmas, com a habilidade em que são mestres, nos respondessem às perguntas que lhes fizemos.

Que se defendessem as acusações que lhe têm sido feitas, enfim, que procurassem responder com argumentos claros e positivos, aos argumentos com que têm sido atacados.

Não fizeram nada disso, e se o não fizeram, lá têm as suas razões. Se não se defendem porque não souberam ou não puderam, lançaram-nos no entanto alguns adjectivos, que por não nos serviram, não devolvemos a procedência, mas muito aumentados e baseados simplesmente em factos que temos presenciado, sendo portanto a expressão da verdade.

Dir-se-á que é interessante — sucede que ao serem convidados para se filarem nos respectivos sindicatos, houve operários que se retrairam, mostrando-se hesitantes outros, por recearem que a Associação de Classe se transformasse em Grémio Recreativo.

Mas necessariamente o número de filiados nas várias indústrias cresce e podemos já dar como certa a constituição dos Sindicatos da Construção Civil, Manufactores de Calçado e Móveis, estando estes a proceder à revisão do estatuto típico para dentro em breve reunirem em sessão inaugural, aprovando estatutos, fazendo adesões, etc.

Deveremos dizer que bem têm cumprido a missão de que foram incumbidos as comissões pró-organização, compostas por dois delegados das várias classes. É provável que não possam constituir-se em sindicatos corporativos os carregueiros e os metalúrgicos, dada a deficiente população destas classes.

Antes das sessões inaugurais dos vários sindicatos de classe, efectuar-se-hão sessões preparatórias a que assistirão delegados das respectivas federações.

Os manipuladores de pão

Esta classe organizada há já alguns meses tem marcado pela indomável boa vontade em caminhar a par da organização corporativa e da C. G. T.

Ultimamente tem realizado, na sede do sindicato desta classe, sessões de propaganda sindical o nosso camarada J. Francisco. No pretérito domingo versus em análise à macabara triologia sobre cujos pilares a humanidade viveu ignorante durante séculos «A fé, esperança e caridade». Terminou descrevendo como os indivíduos podem mais depressa alcançar a sua liberdade e incita a assistência a manter através de tudo o seu sindicato de classe, única agremiação onde os indivíduos não perdem a sua autonomia em sacrifício a apostolados ou ídolos. Ali não há chefes e daí a razão da nossa independência. Por estes dias próximos, reúne a classe para discussão e aprovação do estatuto definitivo e para votar a sua adesão à C. G. T., conforme nos foi notificado. — C.

Artigo 18.— A Federação é dirigida, e superiormente administrada por um conselho federal, composto por delegados de sindicatos ou associações federadas.

Pois são estes indivíduos — que se fôssem coerentes já se tinham ido embora — que compõem o secretariado da F. M., dirigem o jornal, escrevem notas oficiais que tudo contundem e embaralam e se opõem à vontade das classes.

Agora, e para terminar vamos fazer uma pregunta que não sabemos se também ficará sem resposta:

Quem são os políticos: somos nós que fomos às nossas classes dizer o que se passava, e a cujas reuniões assistiram delegados da C. G. T., ou sóis vocês os servis de nomes de classes que ainda não pronunciaram prô ou contra a C. G. T. e quando reúnem quais nunca o fazem na presença de quem accusa para que se defendam?

Retirai-vos, retirai-vos enquanto os trabalhadores se não apercebem do lôgo em que cairão. — José Francisco, trabalhador do tráfego.

Nunca pais que dizem ter justiça, ainda me conservam injustamente preso. Porém, não peço clemência mas sim o meu envio ao tribunal, para provar a minha inocência e para que me seja feita justiça.

E em plena democracia, como dizem ser esta República, conservam-se assim presos sem culpa formada que, como eu, estão deitados ao maior esquecimento.

Pois são estes indivíduos — que se fôssem coerentes já se tinham ido embora — que compõem o secretariado da F. M., dirigem o jornal, escrevem notas oficiais que tudo contundem e embaralam e se opõem à vontade das classes.

Agora, e para terminar vamos fazer uma pregunta que não sabemos se também ficará sem resposta:

Quem são os políticos: somos nós que fomos às nossas classes dizer o que se passava, e a cujas reuniões assistiram delegados da C. G. T., ou sóis vocês os servis de nomes de classes que ainda não pronunciaram prô ou contra a C. G. T. e quando reúnem quais nunca o fazem na presença de quem accusa para que se defendam?

Retirai-vos, retirai-vos enquanto os trabalhadores se não apercebem do lôgo em que cairão. — José Francisco, trabalhador do tráfego.

Nunca pais que dizem ter justiça, ainda me conservam injustamente preso. Porém, não peço clemência mas sim o meu envio ao tribunal, para provar a minha inocência e para que me seja feita justiça.

E em plena democracia, como dizem ser esta República, conservam-se assim presos sem culpa formada que, como eu, estão deitados ao maior esquecimento.

Pois são estes indivíduos — que se fôssem coerentes já se tinham ido embora — que compõem o secretariado da F. M., dirigem o jornal, escrevem notas oficiais que tudo contundem e embaralam e se opõem à vontade das classes.

Agora, e para terminar vamos fazer uma pregunta que não sabemos se também ficará sem resposta:

Quem são os políticos: somos nós que fomos às nossas classes dizer o que se passava, e a cujas reuniões assistiram delegados da C. G. T., ou sóis vocês os servis de nomes de classes que ainda não pronunciaram prô ou contra a C. G. T. e quando reúnem quais nunca o fazem na presença de quem accusa para que se defendam?

Retirai-vos, retirai-vos enquanto os trabalhadores se não apercebem do lôgo em que cairão. — José Francisco, trabalhador do tráfego.

Nunca pais que dizem ter justiça, ainda me conservam injustamente preso. Porém, não peço clemência mas sim o meu envio ao tribunal, para provar a minha inocência e para que me seja feita justiça.

E em plena democracia, como dizem ser esta República, conservam-se assim presos sem culpa formada que, como eu, estão deitados ao maior esquecimento.

Pois são estes indivíduos — que se fôssem coerentes já se tinham ido embora — que compõem o secretariado da F. M., dirigem o jornal, escrevem notas oficiais que tudo contundem e embaralam e se opõem à vontade das classes.

Agora, e para terminar vamos fazer uma pregunta que não sabemos se também ficará sem resposta:

Quem são os políticos: somos nós que fomos às nossas classes dizer o que se passava, e a cujas reuniões assistiram delegados da C. G. T., ou sóis vocês os servis de nomes de classes que ainda não pronunciaram prô ou contra a C. G. T. e quando reúnem quais nunca o fazem na presença de quem accusa para que se defendam?

Retirai-vos, retirai-vos enquanto os trabalhadores se não apercebem do lôgo em que cairão. — José Francisco, trabalhador do tráfego.

Nunca pais que dizem ter justiça, ainda me conservam injustamente preso. Porém, não peço clemência mas sim o meu envio ao tribunal, para provar a minha inocência e para que me seja feita justiça.

E em plena democracia, como dizem ser esta República, conservam-se assim presos sem culpa formada que, como eu, estão deitados ao maior esquecimento.

Pois são estes indivíduos — que se fôssem coerentes já se tinham ido embora — que compõem o secretariado da F. M., dirigem o jornal, escrevem notas oficiais que tudo contundem e embaralam e se opõem à vontade das classes.

Agora, e para terminar vamos fazer uma pregunta que não sabemos se também ficará sem resposta:

Quem são os políticos: somos nós que fomos às nossas classes dizer o que se passava, e a cujas reuniões assistiram delegados da C. G. T., ou sóis vocês os servis de nomes de classes que ainda não pronunciaram prô ou contra a C. G. T. e quando reúnem quais nunca o fazem na presença de quem accusa para que se defendam?

Retirai-vos, retirai-vos enquanto os trabalhadores se não apercebem do lôgo em que cairão. — José Francisco, trabalhador do tráfego.

Nunca pais que dizem ter justiça, ainda me conservam injustamente preso. Porém, não peço clemência mas sim o meu envio ao tribunal, para provar a minha inocência e para que me seja feita justiça.

E em plena democracia, como dizem ser esta República, conservam-se assim presos sem culpa formada que, como eu, estão deitados ao maior esquecimento.

Pois são estes indivíduos — que se fôssem coerentes já se tinham ido embora — que compõem o secretariado da F. M., dirigem o jornal, escrevem notas oficiais que tudo contundem e embaralam e se opõem à vontade das classes.

Agora, e para terminar vamos fazer uma pregunta que não sabemos se também ficará sem resposta:

Quem são os políticos: somos nós que fomos às nossas classes dizer o que se passava, e a cujas reuniões assistiram delegados da C. G. T., ou sóis vocês os servis de nomes de classes que ainda não pronunciaram prô ou contra a C. G. T. e quando reúnem quais nunca o fazem na presença de quem accusa para que se defendam?

Retirai-vos, retirai-vos enquanto os trabalhadores se não apercebem do lôgo em que cairão. — José Francisco, trabalhador do tráfego.

Nunca pais que dizem ter justiça, ainda me conservam injustamente preso. Porém, não peço clemência mas sim o meu env